Situação atual sobre a energia e o petróleo

O petróleo e a energia em geral têm sido durante décadas dois dos elementos mais importantes que regem não só os mercados financeiros, mas também o próprio funcionamento das sociedades modernas. Tudo na vida diária depende direta ou indiretamente da energia: os alimentos chegam às lojas porque há combustível que move os camiões que os transportam (gasolina e outros combustíveis feitos principal e puramente com petróleo), as fábricas funcionam porque há eletricidade ou gás que alimenta as suas máquinas, os lares aquecem-se ou refrigeram-se porque há energia ligada a eles, e os produtos comprados em qualquer loja foram produzidos utilizando energia em cada etapa do seu fabrico. Todo o sistema económico global sustenta-se sobre a disponibilidade de energia a preços geríveis, o que significa que, quando o preço da energia sobe, tudo o resto acaba por subir em cascata: os alimentos, os serviços, os produtos manufaturados, o transporte, absolutamente tudo o que uma pessoa consome diariamente encarece quando a energia encarece. E essa subida não se nota de imediato, mas vai-se filtrando lentamente ao longo de meses até atingir o consumidor final, que acaba por pagar preços muito mais altos, pois entre o momento em que a energia sobe e o momento em que essa subida atinge o preço final do pão ou do arroz podem passar muitos meses durante os quais as cifras oficiais de inflação podem continuar a apresentar valores controlados. É isso que está a acontecer neste preciso momento, e toda a situação do petróleo está a acumular ainda mais a inflação em todos os setores.

O petróleo mantém-se há já algum tempo em níveis que, embora pareçam estáveis nos ecrãs, sustentam internamente pressões acumuladas que se expressarão mais tarde com força. O problema da energia é que o seu preço não se mede apenas pelo que aparece nos gráficos dos futuros do crude; o seu preço real mede-se pelo custo total que chega ao utente final quando tudo é somado: os impostos, as margens das distribuidoras, os custos de refinação, os custos de transporte, os seguros, tudo isso acumula-se em cima do preço do barril e acaba por se converter naquilo que o cidadão comum paga na bomba de gasolina ou na fatura da eletricidade. Todos estes componentes têm vindo a encarecer-se silenciosamente, enquanto o preço do barril no ecrã pode mostrar movimentos relativamente contidos. Isto é muito importante: olhar apenas para o preço do crude nos gráficos dá uma imagem incompleta do que se passa com a energia na vida real. Os custos têm vindo a subir desde muito antes do que as cifras oficiais reconhecem, e essa subida está apenas a começar a manifestar-se nuns setores, enquanto noutros continua a acumular-se, aguardando o momento de aparecer — e já vamos ver a desculpa com que se libertará para o público apenas uma pequena percentagem da inflação atual ao longo destes meses.

A última subida do petróleo não foi uma resposta à guerra no Médio Oriente, como se supõe que seja; na realidade, foi o verdadeiro objetivo da guerra em si. Esse movimento só foi executado uma vez que todas as outras áreas da economia já continham inflação real acumulada; o que faltava era dar o golpe final com a energia, e foi isso que se fez ativando a situação geopolítica no Médio Oriente com o fecho do estreito de Ormuz como peça-chave. Esse fecho não foi uma consequência secundária, mas sim a peça central do movimento: o seu efeito foi duplo. Por um lado, faliu financeiramente a maioria das petrolíferas que dependiam dessa passagem para operar com normalidade e, por outro lado, adicionou mais pressão inflacionária à inflação já acumulada em todos os outros setores. Isto foi extremamente

conveniente, porque a energia cara empurra todos os preços para cima em cascata e, em simultâneo, esse evento serve como desculpa pública para trazer à luz parte da inflação verdadeira que andava há muito escondida nas cifras oficiais sem justificação visível. Agora, com a desculpa da guerra, podem ir mostrando subidas nos dados de inflação atribuindo-as à energia e ao conflito geopolítico, quando na realidade essa inflação já estava acumulada desde muito antes e apenas necessitava de um detonante credível para começar a surgir nos relatórios. Esse é o verdadeiro objetivo por trás de toda a situação energética atual: não foi improvisado, não foi por acaso, foi um movimento estrutural executado no momento exato em que mais servia o sistema financeiro atual, e os efeitos vão continuar a manifestar-se nos próximos meses com subidas nos dados oficiais que serão justificadas com a narrativa energética, quando na realidade o que se está a descarregar é a pressão inflacionária acumulada durante anos que já não podia continuar a ser escondida por mais tempo. E, como já disse, os preços do petróleo influenciam todos os outros setores da economia de tal forma que não podem ser evitados, pelo que tudo o que se relaciona com Ormuz, além de gerar mais inflação, permite justificar a própria inflação como algo puramente provocado ali, sem ter de justificar as verdadeiras razões inflacionárias.

Como já tínhamos visto antes, o ouro e as bolsas estão completamente descorrelacionados da economia real e, além disso, nem sequer pertencem a ela; são ativos especulativos puros que vivem dentro do seu próprio universo. O preço do ouro não afeta o preço do pão, o preço do S&P 500 não afeta o preço do leite, nem o custo da luz, nem o custo do transporte, nem nada do que um cidadão consome diariamente; são sistemas paralelos que se movem dentro da sua própria dinâmica oculta sem tocar no funcionamento básico da economia real. Esse é o seu lugar dentro do sistema e, por isso, podem ser inflacionados ou desinflacionados com relativa liberdade pela verdadeira dinâmica que move os mercados. Os movimentos extremos nesses ativos não geram consequências imediatas sobre o custo de vida nem sobre a estabilidade social, o que permite que essa mesma dinâmica os gestione com menos restrições em alta ou em baixa, de forma extrema e sem oposição pelo meio.

O petróleo é completamente diferente, e aqui reside uma das distinções mais importantes em relação aos restantes mercados. Embora o petróleo também se mova pela mesma dinâmica especulativa que rege o ouro e as bolsas, e seja igualmente dirigido pela mesma força interna e se desloque contra a maioria seguindo lógicas que não respondem à teoria tradicional, ao contrário do ouro e das bolsas, o petróleo pertence sim diretamente à economia real e faz parte estrutural dela. É um dos poucos ativos financeiros que possui essa dupla natureza: vive no mundo especulativo como os outros, mas o seu preço impacta diretamente o funcionamento do mundo real. Qualquer movimento brusco no petróleo transmite-se imediatamente ao custo de absolutamente tudo o que se consome, porque a energia é a base sobre a qual se constrói toda a atividade produtiva, tal como disse no início. Isto significa que a dinâmica que move o petróleo não pode operar com a mesma liberdade com que move os restantes ativos especulativos; tem de ser muito mais cautelosa, muito mais regulada nos seus movimentos, porque um descontrole no petróleo traduz-se em caos económico real, em crises políticas e em pressão brutal sobre os governos e sobre o sistema inteiro. Essa é a razão pela qual o petróleo se move dentro de intervalos mais apertados e fixos, com deslocamentos mais medidos do que os noutros mercados especulativos, ou então os seus movimentos fortes não são tão prolongados e sustentados, recuando novamente assim que atingem os preços-alvo — não por ser mais estável por

natureza, mas porque a dinâmica que o dirige vê-se obrigada a geri-lo com mais prudência devido ao impacto imediato que exerce sobre a economia real.

Ora bem, durante muito tempo o petróleo manteve-se relativamente barato, enquanto a economia real ia acumulando inflação silenciosamente em todos os restantes setores. Essa foi uma situação deliberada que permitiu ir construindo pressão inflacionária sem que esta se manifestasse abertamente nas cifras oficiais, visto que o próprio petróleo se mantinha muito abaixo dos máximos de 2022. Durante esse período, o petróleo estava descorrelacionado da economia real porque a economia real já estava estruturalmente deteriorada, enquanto o petróleo continuava em níveis que não refletiam essa realidade subjacente; isso era uma anomalia que não se podia sustentar indefinidamente. E aqui entra o aspeto mais importante desta situação atual: a guerra no Médio Oriente e tudo o que a envolve cumpriram também a função de voltar a correlacionar o petróleo com a economia real. A economia real estava desastrosa e inflacionária por dentro, e o petróleo continuava algo barato sem refletir essa realidade; a guerra foi o detonante que quebrou essa anomalia e permitiu que o petróleo se alinhasse com o verdadeiro estado da economia real. Agora, o petróleo está correlacionado com a economia real porque os seus preços refletem finalmente a pressão inflacionária que já se encontrava acumulada em todos os outros setores. Essa é uma peça extremamente importante do puzzle que quase ninguém vê: o petróleo não estava descorrelacionado por acaso, estava a aguardar o momento adequado para se correlacionar, estava a recolher os elementos e tudo o necessário para que a dinâmica que rege os seus movimentos permitisse a execução desse grande movimento de acordo com a economia real. E esse momento chegou quando a situação geopolítica permitiu executar o movimento com a cobertura narrativa apropriada. Agora, todo o sistema fica alinhado: a economia real inflacionária, o petróleo caro a refletir essa inflação, as cifras oficiais a começar a justificar as subidas com a desculpa energética, e a pressão inflacionária acumulada durante meses a começar a vir a tona de forma controlada, utilizando o petróleo como veículo legítimo para a expor sem gerar pânico imediato na maioria dos âmbitos produtivos reais da população.

Esta correlação forçada entre o petróleo e a economia real, que acaba de ser executada há dois meses, é apenas o começo de um processo muito mais longo que se vai desenrolar ao longo dos próximos meses e até anos, passo a passo. O que se vai começar a ver nas cifras oficiais de inflação do BLS, atribuído ao componente energético, é apenas a primeira camada de uma pressão inflacionária que se vem acumulando desde há muito tempo e que vai vir a tona por etapas, e não de um só golpe — e apenas se a dinâmica dos mercados considerar os intervenientes aptos para receber um dado dessa índole. Isto significa que, de tempos a tempos, surgirão subidas adicionais nos dados de inflação com novas desculpas, novas justificações e novos eventos que servirão de cobertura narrativa, enquanto a pressão acumulada vai sendo descarregada de forma controlada para que o sistema financeiro atual e toda a população vivam essa inflação a 100% tal como ela é na realidade, mas em segredo, sendo liberada pouco a pouco perante os dados oficiais e os meios de comunicação. Não será surpresa para o povo, porque aquilo que os meios disserem que chegou, já a povo o viveu; portanto, da minha parte, sou extremamente otimista em relação ao petróleo ("super alcista"), e os preços do mesmo e da energia em geral — os preços do Brent — não vão regressar a níveis baixos sustentados, perto dos 60 a 50 dólares, onde se encontravam antes da "guerra" Irão/Estados Unidos, porque fazê-lo desfazeria todo o trabalho de alinhamento que acaba de ser executado e voltaria a

gerar a anomalia que tanto tempo custou a corrigir. Os recuos pontuais que apareçam serão aproveitados pelos órgãos oficiais como sucessos dos políticos, que estabilizam a energia, quando na realidade não passam de mini-respiros dentro de uma dinâmica estrutural muito mais ampla que aponta para preços sustentados em zonas altas durante um período super prolongado, ou mesmo permanente. Tudo o que se relaciona com o petróleo deve influenciar sempre uma análise séria de qualquer trader profissional, porque o petróleo é um dos poucos ativos que conecta o âmbito especulativo ao âmbito real, tal como os fluxos de capital que o movem também causam ineficiências e correlações de movimentos com outros mercados importantes, incluindo o XAU/USD. No entanto, é um mercado com riscos enormes, tal como os restantes, mas com maior regulação nos seus preços intraday; contudo, os seus movimentos fortes são muito mais devastadores e complicados para os traders, possuindo o fator surpresa que destruiu milhares de especuladores ao longo dos anos. Por essa razão, prefiro o XAU/USD para operar como trader, pois é um mercado onde se podem aplicar muitíssimas mais regras, sustentando a rentabilidade por mais tempo e sem enfrentar tanto o fator de um movimento enorme e surpresa pelo meio, visto que um movimento desse tipo contra a conta de qualquer trader já representa riscos de carteira enormes (algo que não sucede dessa forma com os movimentos fortes no XAU/USD). Contudo, o petróleo tem uma relevância económica completamente superior à dos metais preciosos, sem debate possível, mas não proporciona as melhores condições como instrumento para operar sem correr riscos surpresa. E com isto fecho este PDF, deixando mais uma vez muitíssimo valor sobre a mesa para quem o sabe apreciar, recordando que aqui não se vem repetir aquilo que qualquer um pode ler nos meios de comunicação cheios de falsidade e mentiras sobre a guerra e os políticos; aqui venho tentar contar uma pequena parte do que está realmente a acontecer por trás da narrativa e da superfície oficial, com o máximo raciocínio, sem dar mérito ao que não tem mérito e sem adotar uma postura completamente especulativa, irracional ou de narrativa oficial, filtrando ambas e deixando como conclusão um valor defensível com base nos factos atuais.